
Mais Caixa para O Brasil

Em outubro de 2014 a sociedade brasileira irá escolher o modelo de desenvolvimento econômico e social mais adequado para o país. Ao longo da sua história de mais de 150 anos, a Caixa sempre teve um papel social muito relevante a cumprir.

No dia 12 de janeiro de 1861, Dom Pedro II criou a Caixa Econômica da Corte. Hoje, a Caixa Econômica Federal tem 100 mil trabalhadoras e trabalhadores e mais de 70 milhões de correntistas.

Em 1931, a Caixa iniciou as suas operações de crédito. Hoje, o saldo dessas operações é de quase R\$ 500 bilhões, ocupando 18% do mercado.

Em 1986, a Caixa incorporou o Banco Nacional de Habitação (BNH) passando a ser o maior agente nacional de financiamento da casa própria. Hoje, o saldo das operações de financiamento imobiliário passa dos R\$ 270 bilhões.

Em 1990, passou a centralizar todas as contas vinculadas do FGTS, que, à época, eram administradas por mais de 70 instituições bancárias.

Garantir a manutenção da Caixa e do seu papel social exige luta permanente. Pelo imenso volume de recursos que gere, ela sempre foi alvo da cobiça dos bancos privados, nacionais e estrangeiros.

Durante o governo FHC (1994/2002), o eixo central de sua política era o processo de privatização das empresas estatais, modelo que foi imposto também aos governos estaduais, dependentes da ajuda

federal para gerir suas dívidas públicas, e levou à privatização da maioria dos bancos estaduais.

Os bancos federais eram administrados seguindo as orientações do Relatório de Alternativas para a Reorientação Estratégica do Conjunto das Instituições Financeiras Públicas Federais (IFPFs), elaborado pelo consórcio Booz-Allen & Hamilton e FIPE/USP. A receita de preparação para a privatização foi implantada de forma sistemática e abrangente na Caixa.

O resultado da política neoliberal nós conhecemos bem, um país endividado, submetido às diretrizes do FMI, desemprego, arrocho, miséria, infraestrutura sucateada e o povo sem esperança.

Com a eleição do presidente Lula em 2002, a Caixa dá uma guinada em sua trajetória e volta a assumir a posição de pilar de sustentação da política social do governo, posição mantida pelo governo Dilma.

São mais de 150 anos de história. Mas quem acompanha o crescimento da Caixa sabe que foi nos últimos 3 mandatos presidenciais que o banco encontrou um caminho de agente de políticas públicas, em que a atuação no mercado e o seu papel social se tornaram complementares.

Nos 8 anos do governo Lula e nos 3 anos e meio do governo Dilma, empregadas e empregados trabalhadores da Caixa - técnicos, assistentes, gestores, profissionais, analistas, cada um no seu papel - contribuíram decisivamente para a reconstrução da empresa, depois dos anos neoliberais de sucateamento da instituição e de descaso com seu quadro funcional.

Hoje, temos uma realidade diferente, mais próxima da que

queremos e de que o Brasil precisa: a Caixa recuperou a sua essência como banco público e é gestora de diversos programas sociais do governo federal.

O caminho de mudanças iniciado por Lula e seguido por Dilma se mostrou acertado, sustentável e lucrativo para a Caixa. A política de atuação na economia como agente anticíclico resultou em mais receitas, lucro e participação no mercado.

Na crise de 2008/09, quando os bancos privados fecharam as linhas de crédito, foram os bancos públicos em geral, e a Caixa em particular, que deram liquidez para que o país não mergulhasse na recessão.

O número de empregados, clientes e operações realizadas, o volume de recursos investidos em habitação e infraestrutura, as receitas e os lucros crescentes, advindos de todas as áreas de atuação, provam que um banco público como a Caixa tem um papel protagonista no desenvolvimento do país.

A capacidade de trabalho de seus 100 mil empregados, 45 mil deles contratados nos últimos 12 anos, em substituição aos terceirizados - uma justa reivindicação do movimento dos empregados - deu conta da missão de contribuir com o salto de desenvolvimento econômico e social de que o país tanto precisava. E recuperou a essência da Caixa como banco público e social, ampliando a sua capilaridade para todo o território brasileiro, prestando um importante serviço para todos os cidadãos.

***A ascensão de milhões de brasileiros à classe C
é resultado do Programa de Aceleração do Crescimento, com o
Minha Casa Minha Vida como carro-chefe.***

Hoje, com essa nova realidade, é possível e desejável ampliar o papel da Caixa no âmbito das políticas públicas do governo federal, como o atendimento aos pequenos produtores rurais, e às outras áreas sociais do governo, onde a Caixa já é o principal agente financiador.

No entanto, se do ponto de vista da missão do banco para com o país houve um acúmulo de sucessos que pode e deve ser mantido e aprofundado, as relações de trabalho da Caixa com seus empregados ainda se ressentem de aperfeiçoamentos e correções de injustiças, naturalmente esperados de um governo voltado para os trabalhadores.

Para acompanhar o crescimento constante e vertiginoso de criação de novas agências, por exemplo, faz-se necessário intensificar a contratação de mais empregados. No âmbito das relações internas da Caixa, apesar das inegáveis conquistas do movimento dos empregados, ainda existem marcas de um passado de injustiças que já deveria ter sido enterrado. E temos confiança que será.

Outro aspecto que merece atenção é a gestão da Caixa, que, por ser um banco estatal, um instrumento de execução de políticas públicas, deve desenvolver um modelo de administração próprio, que reflete sua atuação. A Caixa pode e deve ter uma gestão diferenciada e investir na formação de profissionais que atendam às características do banco, com um modelo distinto do praticado nos bancos privados. E os empregados e aposentados têm muito a contribuir, e por isso também é importante que sempre se reforcem as relações entre a direção e os trabalhadoras e trabalhadores da Caixa.

Seguir o caminho da democratização, em que a Funcief é um

exemplo, e que apenas se iniciou na Caixa, com a eleição do representante dos empregados no Conselho de Administração, é uma reivindicação essencial e justa.

A maior valorização da força de trabalho, o maior reconhecimento do seu papel no desempenho do banco nos últimos anos, e uma maior participação na formulação do planejamento da Caixa para os próximos períodos é o que se espera da gestão de um governo democrático e popular, que se iniciou com Lula e que deve seguir em frente com Dilma por mais 4 anos.

Sabemos que muito temos que avançar, inclusive nas condições de trabalho. Mas quando projetos antagônicos são apresentados e que em um deles não há espaço para a Caixa e seu papel social, não podemos nos omitir.

Mais uma vez devemos arregaçar as mangas para lutarmos em defesa da Caixa e do seu papel como banco social e em defesa de um projeto de inclusão social e desenvolvimento para todos.

***Vamos ajudar a reeleger Dilma Presidenta
e oferecermos mais Caixa para o Brasil.***

